

Reflexões sobre a pseudo-aceitação em *O Patinho Feio*, de Andersen, à luz da psicologia cultural semiótica

RESUMO

Tatiana Alves de Melo Valério
tatiana.valerio@belojardim.ifpe.edu.br

Instituto Federal de Pernambuco (IFPE - Campus Belo Jardim), Belo Jardim, Pernambuco, Brasil.

Maria C.D.P. Lyra

marialyra2007@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil.

Divaneide Ferreira da Silva

divaneide.silva@reitoria.ifpe.edu.br

Instituto Federal de Pernambuco (IFPE - Campus Recife), Recife, Pernambuco, Brasil.

Jessica Sabrina de Oliveira

Menezes

jessica.oliveira@paulista.ifpe.edu.br

Instituto Federal de Pernambuco (IFPE - Campus Paulista) Paulista, Pernambuco, Brasil.

João Roberto Ratis Tenório da Silva

joaoratistenorio@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil.

O conto intitulado *O Patinho Feio* (2004), de Hans Christian Andersen, é uma obra clássica infantil, largamente adotada como leitura literária para estudantes da educação infantil no Brasil. O presente estudo – desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e do cotejamento entre teoria e obra literária – busca discutir as formas de intolerância presentes nesse conto, contribuindo para uma reflexão acerca do modo como a literatura infantil pode reforçar formas de intolerância. Para tanto, fazemos um breve percurso histórico acerca do surgimento das primeiras produções literárias para o público infantil, a fim de perceber que esta não apenas foi convocada, quando de seu nascedouro, para atuar na solidificação de valores burgueses, como vem convivendo historicamente com a função primeira que lhe foi atribuída, a de moralizar os indivíduos (embora não se possa negar que essa condição vem sendo questionada e/ou passando por renegociações em produções contemporâneas). Além disso, recorreremos à abordagem da Psicologia Cultural Semiótica, mais especificamente à noção de “distinção carregada de valor” (VALSINER, 2012), na condição de interpretação que ocorre no processo de significação de distinções perceptuais (o outro, diferente de mim) nas relações humanas. A leitura da obra, à luz do referencial teórico utilizado, permitiu observar a presença da estratégia de ação denominada intolerância eliminativa, resultante da valoração negativa em relação à diferença. De acordo com a argumentação aqui desenvolvida, a intolerância eliminativa atravessa o enredo do conto, sem ter sido transformada em tolerância ou aceitação. Portanto, de acordo com a análise aqui desenvolvida, a leitura de *O Patinho Feio*, com seu suposto final feliz, pode reforçar preconceitos em relação à diferença ou, contrariamente, a partir de uma reflexão sobre os dilemas enfrentados pelo personagem principal, pode favorecer formas de tolerância e aceitação da diferença.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Cultural Semiótica. Literatura infantil. Intolerância.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca analisar o conto “O Patinho feio” (2004), publicado pela primeira vez em 1843, do dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), considerado um clássico da literatura infantil, atentando para a necessidade de repensar o olhar lançado à obra, uma vez que a maneira como esta é lida pode fortalecer tipos de intolerância, encobertos por uma pseudo-aceitação, evidenciada no desfecho da narrativa, uma vez que aquele que passou a história inteira sofrendo discriminação por ser diferente não é aceito tal como é, na sua diferença.

Nosso objeto de reflexão/investigação é, então, a relação entre exclusão e “final feliz” da personagem que se descobre cisne e encontra reconhecimento, aceitação e acolhimento entre seus iguais, após ter nascido entre os patos, onde foi estigmatizada/excluída por suas diferenças, tendo passado por diversas tentativas frustradas de se inserir em outros grupos.

Filiamo-nos à abordagem da Psicologia Cultural Semiótica (VALSINER, 2014; 2012), especificamente à noção de “distinção carregada de valor” (VALSINER, 2012). Esta pode se manifestar como intolerância eliminativa (o outro se transforma em alvo de eliminação ou de segregação), intolerância assimilativa (transformar a diferença do outro para igualá-lo a si próprio, e, assim, tornar favorável para si, aquilo que era desfavorável no outro) ou tolerância (a eliminação do contraste entre os diferentes A e B). Ainda assim, comparações são feitas, mas evitando cuidadosamente valorá-las. “A tolerância advém de desconectar a valoração e a detecção das diferenças” (VALSINER, 2012, p. 114), não sendo esta similar à aceitação, como discutiremos nos resultados. Essas são estratégias de ação que decorrem dos processos construtivos de valoração negativa.

O patinho feio experienciou situações de discriminação por ser diferente dos demais. Todavia, como terminou a natureza de sua aceitação contida no final feliz da história? A partir desse questionamento, propusemo-nos a discutir como a forma convencional de ler este conto, considerando seu final como “feliz”, uma vez que a personagem excluída ao longo da narrativa parece encontrar a aceitação de que necessitava, pode ser entendida como parte integrante do sistema de valores que regulam as pessoas. Essa regulação se dá através de controle redundante de mensagens que, “nos sistemas psicológicos humanos podem operar com uma estabilidade relativamente alta dentro de condições ambientais que mudam constantemente” (VALSINER, 2012, p. 52).

O controle redundante pode ser definido com o conjunto de mensagens que circulam na sociedade, distribuídas através de histórias infantis, mitos, filmes, propagandas, rituais, propostas educativas (formais e informais), entre outras. Por exemplo, considere como o valor cultural “respeito à diferença” pode ser estabelecido no mundo de uma pessoa em desenvolvimento. Segundo Valsiner (2012), tanto os agentes potenciais envolvidos (membros da família; professores, colegas da escola etc.), quanto arenas (escola, shopping center, igreja etc.) para promoção desse valor e situações experienciadas positivamente (pessoas convivendo respeitosamente com pessoas de outras raças) ou negativamente (ver um grupo de adolescentes espancando alguém que é diferente deles e o trauma de presenciar tal cena) podem variar, mas o controle para a manutenção de tais valores vai ocorrer. No que concerne particularmente ao conto intitulado O

Patinho Feio, além da presença de diversas formas de intolerância, é apresentada uma pseudo-aceitação, amplamente significada e divulgada como aceitação.

Nosso objetivo, neste trabalho, é discutir as formas de intolerância presentes no conto O Patinho Feio, à luz da Psicologia Cultural Semiótica, não na perspectiva de desencorajar a leitura deste, mas chamando atenção para a importância de que a crítica ao “final feliz”, tal como este foi construído nesta obra, contribua para fomentar reflexões que levem ao reconhecimento, à promoção e à valorização positiva da diferença.

1. MÉTODO

Buscamos identificar no conto O Patinho Feio excertos que apresentam as estratégias de ação advindas da valoração negativa da distinção perceptual do outro que é diferente. A análise foi interpretativa, realizada à luz do referencial teórico anteriormente apresentado, discutindo como a leitura convencional que se faz da obra pode promover situações que fortalecem valores culturais negativos, os quais favorecem a intolerância à diferença. Três estratégias de ação – a saber intolerância eliminativa, intolerância assimilativa e tolerância – além da aceitação, propostas por Valsiner (2012), foram utilizadas na análise do conto, de modo a identificar aquelas que lançam luz sobre o enredo deste.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de iniciar a reflexão proposta, é importante fazer um breve resumo da narrativa em análise. Esta é iniciada com uma rápida descrição do local. Trata-se de um campo – circundado por grandes bosques e recortado por lagos profundos – no qual uma pata choca seus ovos. Após um tempo considerável de espera, o que a deixava cansada, os ovos começaram a quebrar-se. O maior destes, entretanto, seguiu intacto. Ela, então, recebeu a visita de uma “velha pata” que identificou o ovo como “de peru” e a incentivou a abandoná-lo. A pata, no entanto, resolveu chocar um pouco mais.

Finalmente, o grande ovo quebrou. “Piu, piu!” – disse o filhote, e saiu rodando; era enorme e horrível. A pata o contemplou:

– É um patinho extremamente grande! – disse. – Não se parece com nenhum dos outros. Mas, mesmo assim, não é um peruzinho. (ANDERSEN, 2004, p. 126)

Na sequência, embora tenha sido protegido pela mãe algumas vezes, o patinho passou a ser rechaçado pelos demais patos domésticos, pelas galinhas, pelo peru. Estes lhe impunham toda a sorte de crueldades e, além das agressões físicas, desejavam que ele fosse capturado por algum animal de maior porte, que simplesmente desaparecesse ou que buscasse outro lugar para si.

O patinho sofreu perseguição de todos, inclusive dos irmãos que foram cruéis com ele e não paravam de dizer:

– Que o gato o pegue, monstro!

E a mãe dizia:

– Ah, se você pudesse ir para longe daqui!

Os patos o beliscavam, as galinhas o bicavam, e a moça que trazia comida aos animais lhe dava pontapés. (ANDERSEN, 2004, p. 128)

Não suportando a situação na qual se encontrava, o patinho resolveu ir embora. Buscou acolhimento em diversos locais, mas sem sucesso: entre os patos selvagens, com um casal de gansos selvagens (com estes, houve acolhimento, mas foram mortos por um caçador) e com uma família que encontrou em uma casinha de lavradores. Apenas após diversos percalços, encontrou acolhida e reconhecimento entre os cisnes.

Não sabia como se chamavam os pássaros, nem para onde voavam, mas lhes sentia uma afeição tal como nunca havia sentido por ninguém; não os invejava em nada, porque não podia permitir desejar para si semelhante esplendor; como o pobre e feio animal se alegraria se os pássaros lhe dirigissem a palavra!

[...]

Voou até a água e nadou em direção aos esplendorosos cisnes. Estes o viram e se lançaram até ele com as plumas eriçadas.

– Matem-me, matem-me, se quiserem! – disse o pobre animal, e inclinou a cabeça na água para esperar a morte. Mas o que viu na água transparente? Viu sob si a própria imagem, porém já não era um torpe pássaro cinzento, escuro, feio e repugnante: era um cisne.

Que importância ter nascido com os patos quando se saiu de um ovo de cisne!

Sentia-se compensado de sobra por todas as dores e contratempos que sofrera; só pensava na sua felicidade, em toda a beleza que o aguardava.

[...]

- O novo é o mais bonito! Tão jovem e tão belo! – e os cisnes mais velhos se inclinaram ante ele.

[...]

– Nunca sonhei com semelhante felicidade quando era um patinho feio. (ANDERSEN, 2004, p. 131; 132-133)

O patinho feio, no final do conto, encontra a felicidade, pois se insere num grupo de cisnes, passando a ser considerado o mais belo entre seus novos companheiros e deixa para trás o rótulo de ser feio – a diferença que tanto o colocou em situações de intolerância. Talvez este fosse o final feliz possível para o patinho feio à época em que o conto originalmente foi escrito, uma vez que poderia ser lido como uma história de superação, de alguém que finalmente encontra seu espaço depois de vivenciar muitas situações adversas.

Contemporaneamente, no entanto, é possível ler esse final de modo divergente. Passaremos, adiante, a analisar algumas questões acerca da história dessa personagem, focando principalmente no seu desfecho: a pseudo-aceitação, ou, quando muito, uma aceitação problemática, uma vez que ocorre unicamente entre semelhantes.

A aceitação é o resultado de uma valorização positiva no campo perceptual das distinções em relação ao outro. A aceitação no desfecho do conto ocorreu pelos cisnes, ou seja, por animais iguais ao “patinho feio”, não por outros que eram diferentes dele e o rejeitaram. As formas de intolerância experienciadas pela personagem não foram transformadas. O patinho feio foi aceito apenas quando encontrou seus iguais. Assim, a mensagem de aceitação no final da história remete a outra mensagem: “eu não posso ser diferente, tenho que ser igual aos outros para, então, ser aceito”. Essa mensagem, somada a tantas outras que circulam na sociedade, revelando a intolerância aos diferentes – compreendidos aqui como pertencentes a grupos sociais histórica e socialmente marginalizados (com base em questões de etnia, gênero, sexualidade, posição econômica, características físicas e/ou deficiências) – atua como um sistema de controle redundante de mensagem; neste caso, de discriminação e preconceito, na internalização de reconstruções de valores, crenças, mitos e formas de intolerância que ocorrem nos processos de construção de significados pessoais. Essa condição de texto com viés pedagógico acompanha a produção da literatura infantil, tendo encontrado lugar desde os primórdios desta.

3. A LITERATURA INFANTIL E A TRANSMISSÃO DE VALORES BURGUESES

As primeiras produções literárias direcionadas ao público infantil datam da primeira metade do século XVIII. As obras escritas anteriormente, durante o classicismo francês¹, em fins do século XVII, foram em seguida consideradas apropriadas para o público infantil e a ele dirigidas. Isso se deu porque a própria concepção de infância começou a desenvolver-se/delinear-se apenas no início do séc. XVIII, como reflexo da necessidade burguesa de alcançar mais força política. Com a revolução industrial deflagrada neste século, a burguesia vinha solidificando seu poder econômico, uma vez que financiava as novas plantas industriais que se instalavam no perímetro urbano, assim como a tecnologia necessária para o seu funcionamento, utilizando, para tanto, o capital advindo da exploração do comércio marítimo e das riquezas minerais das colônias (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). Nesse cenário, reivindica maior poder político.

Para isso, incentiva instituições que trabalham em seu favor, ajudando-a a atingir as metas desejadas.

A primeira dessas instituições é a família, cuja consolidação depende, em alguns casos, da interferência do Estado absolutista que, interessado em fraturar a unidade do poder feudal, ainda atuante, estimula um modo de vida mais doméstico e menos participativo publicamente. Esse padrão vem a ser qualificado como moderno e ideal, elevando-se como modelo a ser imitado por todos. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 16).

A fim de garantir a manutenção desse estereótipo familiar específico, caracterizado pela família nuclear (composta por pai, mãe e filhos), foi necessário

proporcionar um novo status à criança, considerada, a partir de então, frágil, dependente e desprotegida. Esse modelo de família, então, teria como objetivo maior a proteção da criança, a preservação da infância. Em vez de participar igualmente dos eventos aos quais os demais familiares eram expostos, na condição de “adulto em miniatura” (ZILBERMAN, 2003), “a criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 16).

A relação entre a criança (na condição de consumidora das obras literárias) e o livro precisou contar com a mediação da escola, inclusive para que esta pudesse desenvolver a habilidade de leitura necessária para acessar as obras. A escola foi, portanto, a “segunda instituição convocada a colaborar para a solidificação política e ideológica da burguesia” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 16). Através desta instituição (considerada dispensável até o século XVIII), que passava então a configurar-se como atividade obrigatória para crianças de todos os segmentos sociais, objetivou-se “equipar/preparar” esses sujeitos para a vida em sociedade, uma vez que eram compreendidos como despreparados/frágeis.

A literatura infantil traz marcas inequívocas desse período. Embora as primeiras obras tenham surgido na aristocrática sociedade do classicismo francês, sua difusão aconteceu na Inglaterra, país que, de potência comercial e marítima, salta para a industrialização, porque tem acesso às matérias-primas necessárias (carvão, existente nas ilhas britânicas, e algodão, importado das colônias americanas), conta com um mercado consumidor em expansão na Europa e no Novo Mundo e dispõe da marinha mais respeitada da época.

Numa sociedade que cresce por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos disponíveis, a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.17).

Vale ressaltar que não adentraremos em questões específicas referentes à relação entre literatura infantil e mercado editorial, uma vez que este não é o objetivo do estudo em questão. Entretanto, é importante considerar o fato de que, desde seu nascedouro, esta sofre condicionamentos externos, tais como mercadológicos e sociais, uma vez que foi “convocada” a contribuir para a disseminação e a solidificação de valores da burguesia².

Provavelmente, apenas na segunda metade do século XX, é que se começou a observar, com mais aprofundamento crítico, a forma de atuação (que se desenvolveu historicamente, sob uma suposta condição de “neutralidade”) daquilo o que Louro (2008)³ entende por pedagogias culturais. Para a pesquisadora, uma nova política cultural, entendida como política de identidades, passa a afirmar-se mais fortemente por volta de 1960, como resultado de lutas travadas por movimentos sociais ligados a grupos considerados minoritários (em virtude de questões sexuais e étnicas, por exemplo), uma vez que foi se desenvolvendo a compreensão de que não havia neutralidade nos objetos culturais em circulação no tecido social (embora a sociedade burguesa quisesse fazer crer no inverso). Conforme Louro (2008, p. 20),

Desencadeava-se uma luta que, mesmo com distintas caras e expressões, poderia ser sintetizada como a luta pelo direito de falar por si e de falar de si. Esses diferentes grupos, historicamente colocados em segundo plano pelos grupos dominantes, estavam e estão empenhados, fundamentalmente, em se auto-representar.

[...]

Esse tipo de luta requer “armas” peculiares. Supõe estratégias mais sutis e engenhosas. Talvez por isso a alguns escape a força dos embates culturais. Mas os movimentos sociais organizados (dentre eles o movimento feminista e os das “minorias” sexuais) compreenderam, desde logo, que o acesso e o controle dos espaços culturais, como a mídia, o cinema, a televisão, os jornais, os currículos das escolas e universidades [e, por que não dizer, da produção de literatura infantil?] eram fundamentais.

Certamente, por influência de reflexões decorrentes de movimentos como esses, de legitimação e de busca de espaço político para parcelas da população historicamente excluídas/marginalizadas, “a natureza cristã-burguesa-liberal da formação ou educação recebida pelos brasileiros desde meados do século XIX” (COELHO, 1995, p. 24)⁴ vem sendo questionada de diversas formas. Uma destas – é válido salientar que embora o presente estudo não analise obras recentes – se caracteriza por mudanças nas representações de personagens e mesmo no lançamento de um olhar mais crítico acerca de tensões sociais, que vêm encontrando espaço na literatura infantil contemporânea. Isso tem reiteradamente lançado luz sobre o fato de que “a luta no terreno cultural mostrava-se (e se mostra), fundamentalmente, como uma luta em torno da atribuição de significados – significados produzidos em meio a relações de poder” (LOURO, 2008, p. 21)⁵.

É justamente a percepção da relação existente entre a literatura infantil e a atribuição de significados, em outras palavras, entre esse objeto cultural e sua possibilidade de contribuir para a manutenção de relações desiguais de poder, que nos permite chamar atenção para a necessidade de desenvolvimento de estratégias de leitura, em especial no espaço escolar, que contribuam para que os estudantes possam pensar criticamente acerca da pseudo-inclusão vivenciada pela personagem que protagoniza *O Patinho Feio*, de Andersen. Dessa forma, a escola, na condição de instituição historicamente convocada a firmar/sedimentar “valores burgueses”, poderia passar a contribuir para criticá-los, colocá-los em xeque. Da mesma forma, a própria literatura produzida para o público infantil (e infantojuvenil) pode, cada vez mais, contribuir para questionar “valores” que se mostrem violentos e excludentes.

4. A CONFLITUOSA RELAÇÃO ENTRE INTOLERÂNCIA E "FINAL FELIZ"

Diante da distinção e da atribuição de uma valoração negativa em relação ao patinho feio, chamamos atenção para a utilização da estratégia de intolerância eliminativa, que atravessa todo o enredo do conto. A fuga deste em meio a tantos maus tratos na sua comunidade, bem como diante de todas as outras situações de intolerância experienciadas por ele, revela que aqueles que o viram como diferente lograram êxito na estratégia de ação utilizada: eliminar ou segregar

aquilo que é desfavorável. Importante esclarecer que a eliminação pode ocorrer não só em relação ao outro em sua totalidade, mas em relação a algo específico. Exemplo disso é a análise desenvolvida por Autores (2014) sobre a forma como um membro da família extensa de crianças adotadas (uma tia especificamente) construía significados pessoais sobre a adoção das sobrinhas. O resultado revelou que a tia eliminava a condição de adotadas destas, substituindo essa forma de filiação por fatores ligados à filiação biológica, como podemos observar nas seguintes falas da tia: “como se fosse uma criança que nasceu daquela família mesmo”, “como se ela tivesse sido gerada no meio da família”, “tudo perfeito como se fosse uma família biológica mesmo” (AUTORES, 2014, p. 722). Nesse caso, a parentalidade adotiva foi o alvo de eliminação, não as crianças. Foi dessa forma que a tia pôde construir sua afetividade pelas sobrinhas.

Seguem alguns excertos do conto em análise que revelam a intolerância eliminativa:

“Deixe-me ver o ovo. É claro que é ovo de peru! Deixe-o aí e ensine os seus patinhos a nadar”. (ANDERSEN, 2004, p. 126);

“– Que filhos lindos a mamãe tem! - disse a velha para com o trapo na perna. – Todos lindos, exceto esse, que não saiu muito bem feito. Pudesse você refazê-lo!” (ANDERSEN, 2004, p. 127);

“– Como é feio! – disseram os patos selvagens. – Mas isso não tem importância para nós, desde que não se case com ninguém da nossa família”. (ANDERSEN, 2004, p. 128).

O nosso sistema psicológico é configurado para fazer distinções (VALSINER, 2012), e nesse processo atribuímos valores ao “outro”, podendo ser uma valoração positiva, neutra ou negativa. Para as duas primeiras, não há necessidade de considerar interferência ou estratégia de ação. Entretanto, para a última, três estratégias de ação podem ocorrer, a saber, intolerância eliminativa, intolerância assimilativa e tolerância, como discutimos anteriormente.

Os excertos acima revelam a detecção das diferenças e a valoração negativa da distinção, percebidas pelos outros animais em relação ao pato que nascera. Decorre dessa atribuição de valor negativo, a intolerância eliminativa. Esse processo de valoração de distinções é sempre dinâmico e requer uma compreensão do que está para além do suposto “final feliz”.

Nosso trabalho buscou discutir as formas de intolerância presentes no conto infantil *O Patinho Feito*, contribuindo para uma reflexão sobre como uma leitura pouco atenta deste – nas condições de reflexão que a contemporaneidade nos exige – pode reforçar formas de intolerância que são disseminadas na cultura coletiva, se apenas o encontro entre os cisnes for apresentado aos leitores e por eles internalizado, como solução para as experiências de intolerância presentes no texto. A mensagem de tais vivências negativas participa também dos processos de construção de significados pessoais dos leitores sobre a diferença. Em razão disso, é preciso buscar analisar o conto e suas mensagens de forma que estas levem ao reconhecimento, à promoção e à valorização positiva da diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível considerar a literatura infantil como um elemento cultural de disseminação de mensagens do sistema de controle redundante. Logo, a leitura do conto em análise pode assumir o papel de manutenção da cultura (reproduzindo a ênfase na intolerância eliminativa e na pseudo-aceitação) ou de sua transformação (quebrando a resistência desses controles e mudando a ordem social). Em *O Patinho Feio*, a tolerância seria caracterizada, por exemplo – sabendo-se que a família via o patinho como um dos seus membros –, pelo estabelecimento de uma convivência tolerante, por parte dos demais animais.

É muito importante destacar que a tolerância não é similar à aceitação. “Pelo contrário, é uma supercompensação pela valoração negativa, e pode facilmente reverter-se nas outras estratégias” (VALSINER, 2012, p. 144). O que mantém a tolerância são as normas ou os direitos constitucionalizados que proíbem qualquer forma de intolerância. Em outras palavras, a distinção “no domínio público pode ser tolerada (p.ex., “você tem seus direitos, separados dos meus”), sendo ao mesmo tempo negada no domínio privado (“você pode ter tais direitos, mas de qualquer forma eu odeio você”)” (VALSINER, 2012, p. 115). A aceitação, por outro lado, ocorre quando reconhecemos, principalmente em nossas interações cotidianas, que “nós” somos e podemos ser diferentes dos “outros”, e que, diante da diferença, podemos conviver harmoniosamente (por exemplo, cristãos e não-cristãos, negros e não-negros, adotados e não-adotados, para ficarmos em alguns exemplos).

A partir dos achados desse trabalho, a prática de leitura voltada a uma possível mudança de significados pessoais relativos à discriminação ou ao preconceito deve buscar uma reflexão sobre as mensagens de intolerância presentes na literatura infantil, como no conto *O Patinho Feio*, ainda que estas tenham desfechos supostamente felizes.

Reflections on pseudo-acceptance in Andersen's *O Patinho Feio*, in the light of semiotic cultural psychology

ABSTRACT

The short story entitled *The Ugly Duckling* (2004), by Hans Christian Andersen, is a classic children's book, widely adopted as a literary reading for early childhood education students in Brazil. This study – developed through bibliographical research and the comparison between theory and literary work – seeks to discuss the forms of intolerance present in this story, contributing to a reflection on how children's literature can reinforce forms of intolerance. Therefore, we make a brief historical tour of the emergence of the first literary productions for children, to realize that this was not only called upon, when it was born, to act in the solidification of bourgeois values, but it has historically lived with the primary function assigned to it, that of moralizing individuals (although it cannot be denied that this condition has been questioned and/or undergoing renegotiations in contemporary productions). In addition, we resorted to the approach of Semiotic Cultural Psychology, more specifically to the notion of “value-laden distinction” (VALSINER, 2012), in the condition of interpretation that occurs in the process of meaning-making of perceptual distinctions (the other, different from me) in human relations. The reading of the work, in the light of the theoretical framework used, allowed us to observe the presence of the action strategy called eliminative intolerance (resulting from the negative valuation concerning the difference). According to the argument developed here, this [eliminative intolerance] crosses the plot of the story, without having been transformed into tolerance or acceptance. Therefore, according to the analysis developed here, reading *The Ugly Duckling*, with its supposed happy ending, can reinforce prejudices concerning difference or, on the contrary, based on a reflection on the dilemmas faced by the main character, it can promote forms of tolerance and acceptance of difference.

KEYWORDS: Semiotic Cultural Psychology. Children's literature. Intolerance.

NOTAS

¹ Exemplo disso são as *Fábulas*, de La Fontaine (1621-1695), editadas originalmente entre 1668 e 1694, e os *Contos da Mamãe Gansa* (título original: *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*), publicados por Charles Perrault (1628-1703) em 1697.

² Para discussões mais aprofundadas sobre o lugar atribuído à literatura infantil, assim como à sua crítica, ver Hunt (2010). O pesquisador considera, ainda, as ambivalências relacionadas tanto à produção quanto à recepção dessas obras.

³ Relevante destacar aqui que as reflexões tecidas pela pesquisadora na referência utilizada objetivam tratar em específico do que esta entende por pedagogias culturais relacionadas a questões de gênero e sexualidade. Entretanto, é possível perceber que mudanças nos paradigmas de pensamento fazem parte de movimentos mais amplos ocorridos no tecido social e, nesse sentido, contribuem para que possamos alargar nosso olhar no que diz respeito à discussão aqui empreendida.

⁴ A pesquisadora concebe as seguintes fases referentes à produção da literatura infantil no Brasil: 1ª. Precursora. (1808-1919); 2ª. Moderna. (1920-1970); 3ª. Pós-moderna. (1970-...?). Segundo ela, as produções do primeiro período de seu desenvolvimento no Brasil são marcadas por valores ideológicos claramente cristãos/burgueses/liberais, tais como: moralismo, religiosidade, didatismo (i); Nacionalismo (ii); trabalho como valor e desvalor (iii); tradicionalismo cultural (iv); machismo (v), dentre outros. É bem verdade que o texto em análise não faz parte da produção nacional. Contudo, não se pode deixar de considerar que os textos produzidos na fase precursora da literatura infantil brasileira seguem semelhantes padrões de reprodução do pensamento social que se dão a ver na leitura das obras consideradas clássicas.

⁵ Seguem alguns exemplos de obras contemporâneas que caminham na perspectiva de questionar a atribuição de significados que embasaram historicamente a manutenção de relações desiguais de poder (com base em questões de etnia, gênero e sexualidade, por exemplo): *O menino que brincava de ser* (MARTINS, 2000); *A princesa e a costureira* (LESLÃO, 2015); *Joana Princesa* (2016); *A Rainha e os Panos Mágicos* (LESLÃO; DELAGE, 2017); *Minhas duas avós* (TEIXEIRA, 2017); *Histórias da Preta* (LIMA, 2005); *Betina* (GOMES, 2009); *O cabelo de Lelê* (BELÉM, 2012); *Dandara, seus cachos e caracóis* (SUERTEGARAY, 2017); *A cor de Coraline* (RAMPAZO, 2017). Importante apontar que essas questões, em termos de produção de literatura infantil e juvenil (na esteira do que afirma a professora e pesquisadora Guacira Lopes Louro acerca da preocupação em torno das pedagogias culturais, que teve lugar a partir de 1960), já em fins da década de 70 e início da década 80 do século XX encontramos obras que se propunham a questionar o modelo de sociedade presente em contos considerados clássicos, bem como refletir sobre relações desiguais de poder que estruturam as sociedades. Análises de obras com essas características encontram-se, por exemplo, em Menezes e Silva (2010), Silva (2019).

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Chistian. O Patinho Feio. In: _____. **Contos e Histórias**. Introdução, seleção, tradução e apêndice de Renata Maria Pereira Cordeiro. 2 ed. São Paulo: Landy Editora, 2004. p.126-134.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelé**. Ilustrado por Adriana Mendonça. São Paulo: IBEP, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira**: séculos XIX e XX. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

GOMES, Nilma Lino. Betina. Ilustrado por Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza Edições, HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas completas**. Trad. Vários autores. São Paulo: Centauro, 2013.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.

LESLÃO, Janaína. **A princesa e a costureira**. Ilustrado por Junior Caraméz. 2 ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

_____. **Joana Princesa**. Ilustrado por Marina Tranquilin. Rio de Janeiro: Metanoia, 2016.

LESLÃO, Janaína; DELAGE, Deborah. **A rainha e os panos mágicos**. Ilustrado por Carol Borges. Rio de Janeiro: Metanoia, 2017.

LIMA, Heloisa Pires. **Histórias da Preta**. Ilustrado por Laurabeatriz. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LOURO, Guacira. Gênero e sexualidades: pedagogias contemporâneas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2>. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008

MARTINS, Georgina da Costa. **O menino que brincava de ser**. Ilustrado por Pinky Wainer. 4 ed. São Paulo: Editora DLC, 2000.

MENEZES, Jessica Sabrina de Oliveira; SILVA, Divaneide Ferreira da. *Faca sem ponta, galinha sem pé: questionamento das relações de gênero em Ruth Rocha*. **Revista FAFIRE**, Recife, v. 3, n. 2, p. 20-24, jul./dez.2010.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2017.

SILVA, Divaneide Ferreira Da. *Marina Colasanti e a renovação dos contos infantis*. **Anais IV DESFAZENDO GÊNERO...** Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/64157>. Acesso em: 01/05/2021.

PERRAULT, Charles. **Contos da mamãe gansa ou histórias do tempo antigo**. Tradução: Leonardo Fróes. Posfácio: Michel Tournier. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

SUERTEGARAY, Maíra. **Dandara, seus cachos e caracóis**. Ilustrado por Carla Pilla. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2017.

TEIXEIRA, Ana. **Minhas duas avós**. São Paulo: Pólen, 2017.

VALSINER, J. **An invitation to cultural psychology**. London, England: Sage, 2014.

VALSINER, J. **Fundamentos da psicologia cultural**. Mundos da mente, mundos da vida. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

Recebido: 07 out. 2021

Aprovado: 09 dez. 2021

DOI: 10.3895/rl.v23n43.14782

Como citar: VALÉRIO, Tatiana Alves de Melo; LYRA, Maria C.D.P; SILVA, Divaneide Ferreira da; MENEZES, Jessica Sabrina de Oliveira; SILVA, João Roberto Ratis Tenório da. Reflexões sobre a pseudo-aceitação em O Patinho Feio, de Andersen, à luz da psicologia cultural semiótica. *R. Letras*, Curitiba, v. 23, n. 43 p. 112-125, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

